



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação – Câmpus de Ourinhos

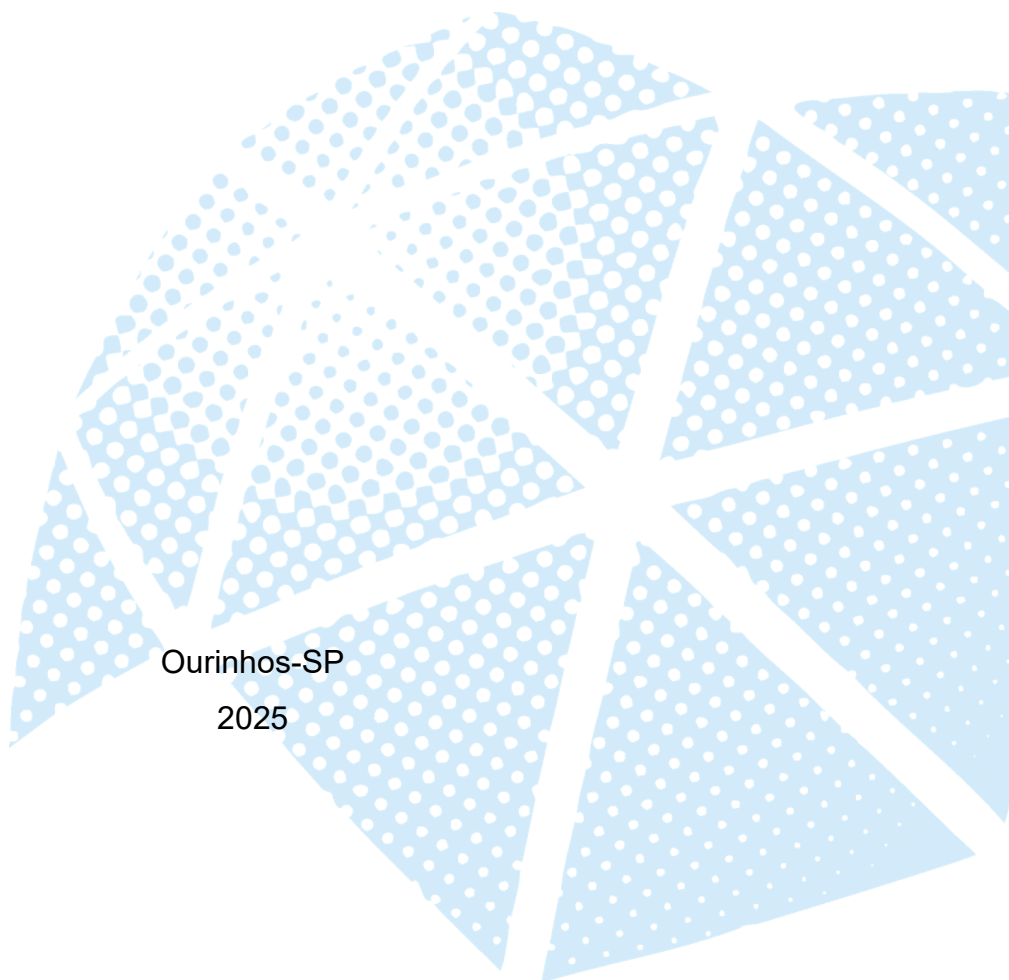
ALESSANDRO GONÇALVES BOTELHO

**A GEOGRAFIA ESCOLAR COMO FERRAMENTA PARA COMPREENSÃO DO
LUGAR:**

uma análise da relação entre espaço, perspectivas de vida, educação e
resistência com os alunos da Escola Estadual Miguel Marvullo, Manduri-SP

Ourinhos-SP

2025



ALESSANDRO GONÇALVES BOTELHO

**A GEOGRAFIA ESCOLAR COMO FERRAMENTA PARA COMPREENSÃO DO
LUGAR:**

uma análise da relação entre espaço, perspectivas de vida, educação e
resistência com os alunos da Escola Estadual Miguel Marvullo, Manduri-SP

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências,
Tecnologia e Educação, Campus de
Ourinhos-SP, para obtenção do título de
Bacharel em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Diogo Laércio
Gonçalves

Ourinhos-SP

2025

B748g

Botelho, Alessandro Gonçalves

A GEOGRAFIA ESCOLAR COMO FERRAMENTA PARA
COMPREENSÃO DO LUGAR: : uma análise da relação entre
espaço, perspectivas de vida, educação e resistência com os
alunos da Escola Estadual Miguel Marvullo, Manduri-SP /
Alessandro Gonçalves Botelho. -- Ourinhos, 2025
35 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) -
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de
Ciências. Tecnologia e Educação. Ourinhos

1. Escola. 2. Educação. 3. Geografia Escolar. I. Título.

ALESSANDRO GONÇALVES BOTELHO

**GEOGRAFIA ESCOLAR COMO FERRAMENTA PARA COMPREENSÃO DO
LUGAR:**

uma análise da relação entre espaço, perspectivas de vida, educação e
resistência com os alunos da Escola Estadual Miguel Marvullo, Manduri-SP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação, Campus de Ourinhos-SP,
para obtenção do título de Bacharel em Geografia

Data da defesa: 23 de junho de 2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Diogo Laércio Gonçalves
UNESP – Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação, Campus de Ourinhos-SP

Prof. Dr. Amir El Hakim de Paula
UNESP – Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação, Campus de Ourinhos-SP

Prof. Dr. João Paulo de Oliveira Pimenta
UNESP – Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação, Campus de Ourinhos-SP

Dedico este trabalho aos meus pais, João Botelho Dias e Vila Gonçalves Botelho, que batalharam, se esforçaram e cuidaram de mim com amor e dedicação durante toda a minha infância. À minha esposa, Agatha Alves Martins de Oliveira Botelho, pelo apoio, pela paciência e por estar sempre ao meu lado, mesmo nos momentos mais difíceis. Às minhas filhas, Elise Botelho Alves Martins de Oliveira e Olga Botelho Alves Martins de Oliveira, pela compreensão, pela doçura e por serem minha maior inspiração. Mesmo tão pequenas, estiveram comigo em cada passo dessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força e sabedoria que me sustentaram em cada etapa desta jornada. À minha família, base de tudo, que sempre acreditou em mim, ofereceu apoio nos momentos difíceis e comemorou cada conquista com alegria. Em especial, agradeço ao Professor Doutor Diogo Laércio Gonçalves, meu orientador, pela paciência, orientação precisa e pelo conhecimento compartilhado, que foram essenciais para a realização deste trabalho.

Sou grato à Geografia, área que me encantou desde o início da graduação e que ampliou minha visão de mundo, despertando em mim o desejo de ser um educador comprometido com a realidade e com a transformação social. Aos professores do Instituto Federal de São Paulo, onde iniciei minha formação, e aos docentes da UNESP de Ourinhos, agradeço pela dedicação, pelos ensinamentos e pelo exemplo de compromisso com a educação pública de qualidade. À universidade pública, especialmente à UNESP de Ourinhos, minha gratidão por ter sido um espaço de crescimento intelectual, trocas valiosas e muitas descobertas.

Agradeço também aos amigos e colegas que fizeram parte dessa caminhada universitária, pelos diálogos, incentivos e pela amizade construída ao longo dos anos. À Escola Estadual Miguel Marvullo, onde tive a oportunidade de realizar minha pesquisa e onde atuo como professor, minha gratidão pela abertura, pela confiança e por fazer parte da minha trajetória profissional. E aos meus queridos alunos, deixo um agradecimento especial: vocês são minha principal fonte de motivação, inspiração e aprendizado diário.

Por fim, reafirmo minha crença na educação como uma ferramenta poderosa de transformação. Através dela, pessoas podem sonhar, conquistar espaços e construir um futuro com mais dignidade. Este trabalho é também um tributo ao valor da educação, ao papel do professor e ao poder do conhecimento como instrumento de mudança.

RESUMO

O presente trabalho, tem como objetivo geral analisar a importância da Geografia na escola para a compreensão do espaço escolar na vida dos estudantes e sua relação com a expectativa de vida, entendendo as modificações recentes impostas ao ensino de Geografia, especialmente no caso do Novo Ensino Médio, considerando tanto a BNCC quanto o Currículo Paulista, compreendendo quais as possibilidades da educação geográfica enquanto ferramenta de transformação social frente aos desafios da juventude contemporânea, identificar junto aos alunos na Escola Estadual Miguel Marvullo em Manduri/SP e como eles enxergam as dinâmicas do lugar onde vivem, suas condições de vida e as oportunidades, pós vida escolar. Dentre os objetivos específicos, foi constatado a relação entre a educação geográfica e a construção de significados sociais e culturais para os alunos no ambiente escolar, destacando a importância de abordar questões locais em sala de aula para promover uma aprendizagem contextualizada. Além disso, identificamos os desafios e as potencialidades da Geografia Escolar na promoção de uma consciência crítica sobre o lugar e seu impacto na formação das perspectivas de vida dos estudantes, considerando a diversidade, as desigualdades sociais e espaciais presentes nas comunidades escolares e identificar práticas pedagógicas de ensino de Geografia que favoreçam uma educação emancipadora, focada na resistência e na construção de uma visão crítica do lugar, propondo metodologias que estimulem a reflexão sobre o espaço vivido e suas injustiças.

Palavras-chaves: Escola, educação, Geografia Escolar.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the importance of Geography in schools for understanding the school space as a meaningful place in students' lives and its relation to life expectations. It seeks to understand the recent changes imposed on Geography teaching, especially in the case of the New High School, considering both the BNCC (National Common Curriculum Base) and the São Paulo Curriculum. It aims to comprehend the possibilities of geographical education as a tool for social transformation in the face of contemporary youth challenges. The study investigates how students at the Miguel Marvullo State School in Manduri/SP perceive the dynamics of their local environment, their living conditions, and post-school opportunities. The research explores the relationship between geographical education and the construction of social and cultural meanings for students in the school environment, highlighting the importance of addressing local issues in the classroom to promote contextualized learning. The study also identifies the challenges and potential of School Geography in promoting a critical awareness of place and its impact on shaping students' life perspectives, considering the diversity, social, and spatial inequalities present in school communities. Additionally, it seeks to identify pedagogical practices in Geography teaching that promote emancipatory education, focusing on resistance and building a critical view of place, and proposes methodologies that encourage reflection on the lived space and its injustices.

Keywords: School, education, School Geography.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	12
2.1. GERAL	12
2.2. ESPECÍFICOS	12
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	12
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
4.1. A GEOGRAFIA E A VIDA ESCOLAR.....	14
4.2. A CIDADANIA CRÍTICA NO OLHAR DOS JOVENS	18
4.3. A CIDADE VIVIDA PELOS JOVENS.....	20
4.4. A GEOGRAFIA CRÍTICA NA CONSTRUÇÃO DE SUA RESISTÊNCIA.....	21
4.5. A CULTURA DOS JOVENS E SUA REALIDADE	23
4.6. AS REFORMAS E RETROCESSOS DO NOVO ENSINO MÉDIO PAULISTA	24
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	26
5.1. PLANO DE AULA ADAPTADO À PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA	26
5.2. RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO EM SALA DE AULA.....	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

1. INTRODUÇÃO

A Geografia, enquanto disciplina escolar, desempenha um papel fundamental na formação dos estudantes ao propiciar uma compreensão crítica do espaço que habitam, das dinâmicas que o moldam e das interações entre os indivíduos e o ambiente. No contexto escolar, a Geografia não se limita ao ensino de conteúdos abstratos, mas se configura como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento do pensamento espacial e do raciocínio geográfico, capacitando os alunos a compreenderem o mundo ao seu redor e a refletirem sobre seu papel na sociedade.

A noção de Geografia escolar refere-se à interpretação da Geografia como uma área do conhecimento dentro da educação básica, abordada por meio de uma leitura espacial do mundo. Essa abordagem implica que a atuação dos professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem aconteça dentro das perspectivas da educação geográfica. Essa educação é vista como um facilitador para o desenvolvimento do pensamento espacial, permitindo que os alunos construam conceitos relacionados ao espaço de forma autônoma.

A atuação do professor, nesse contexto, é caracterizada pela autonomia, essencial para a construção de uma prática pedagógica que valorize a compreensão e análise do espaço, sendo a Geografia uma ferramenta para a formação crítica e reflexiva dos alunos (Batista, 2021).

As representações sobre a escola, especialmente a escola pública, geralmente associam-na a um ambiente repleto de problemas, como a falta de qualidade dos livros didáticos, deficiências na formação dos professores, baixos salários e condições precárias de trabalho, além da violência tanto entre alunos quanto entre alunos e professores. Esses problemas são frequentemente discutidos diretamente pelas pessoas ou divulgados através dos meios de comunicação (Cavalcanti, 2010).

O lugar deve ser uma referência constante no processo educativo, promovendo o diálogo com os temas e facilitando a interlocução e a problematização necessárias para que o aluno se coloque como sujeito ativo no aprendizado. Ao estudar o lugar, é possível atribuir maior significado ao conteúdo, estabelecendo relações entre a realidade vivida pelos alunos e os temas abordados na escola (Cavalcanti, 2010).

Para que os alunos desenvolvam habilidades de raciocínio geográfico e pensamento espacial, é fundamental que o professor também as domine, possibilitando uma atuação que seja ao mesmo tempo orientadora e estimulante,

promovendo reflexões e problematizações no processo de ensino (Batista, 2021). A ideia central é que os professores precisam ter conhecimento e compreensão aprofundados sobre o espaço e suas dinâmicas (consciência espacial). Isso inclui entender como os lugares se relacionam, como os indivíduos interagem com o espaço, e como analisar essas questões criticamente.

Para aprofundar essa discussão, é importante considerar as interações entre espaço e espaço geográfico, bem como as dimensões do espaço absoluto, relativo e relacional, à luz da evolução do pensamento geográfico. As diversas escolas epistemológicas da Geografia (Tradicional, Possibilista, Anarquista, Teorética, Crítica, Humanística e Pós-Crítica) forneceram um amplo repertório teórico que se relaciona com diferentes correntes filosóficas, como Kant, Popper, Hegel, Marx, Heidegger e Husserl.

Esse vasto contexto filosófico tem enriquecido a Geografia moderna, desde o século XIX, ao oferecer uma visão abrangente das marcas da humanidade na Terra. Embora Humboldt, em seu trabalho "Cosmos", tenha inicialmente abordado a Geografia da natureza e as cosmovisões das sociedades antigas por meio da paisagem, ele também incorporou fenômenos e atributos espaciais em sua análise geográfica (Castellar, 2022).

Essa capacidade é essencial para que os professores possam não apenas transmitir conhecimento, mas também os alunos a refletir, questionar e construir suas próprias compreensões sobre o espaço, contribuindo para uma aprendizagem significativa. O mundo globalizado, que pode influenciar no desenvolvimento e habilidades dos estudantes que de certa forma estão inseridos.

A globalização ao se tornar global, passa a se organizar geograficamente. Ela é vista como uma nova era, marcando um momento distinto na história da sociedade capitalista moderna. Compreender o processo de globalização é essencial para entender os fenômenos e processos que caracterizam o mundo contemporâneo (Zanatta e Souza, 2008).

Este trabalho tem como objetivo investigar a importância do ensino de Geografia na escola, com foco no estudo do espaço escolar como um lugar importante na vida dos estudantes e na relação deste com as suas expectativas de vida. Para tanto, será realizada uma investigação bibliográfica sobre a relevância da Geografia na formação do pensamento espacial e raciocínio geográfico dos alunos, por meio de aplicação de atividades pedagógicas em sala de aula no Ensino Médio da Escola

Estadual Miguel Marvullo, localizada em Manduri (SP), com aproximadamente 600 estudantes distribuídos nos três turnos de funcionamento. A cidade, por sua vez, conta com cerca de 9.871 habitantes, segundo dados do IBGE de 2022.

2 . OBJETIVOS

2.1. GERAL

Investigar a importância do ensino de Geografia na escola para a compreensão do espaço escolar como um lugar significativo na vida dos estudantes, analisando sua relação com as expectativas de vida, com o desenvolvimento do pensamento espacial, o cotidiano e formas diversas formas de resistência e obstáculos.

2.2. ESPECÍFICOS

- Analisar a importância da Geografia no desenvolvimento do pensamento espacial e raciocínio geográfico dos estudantes do ensino médio da E.E. Miguel Marvullo, destacando como o estudo do lugar e das paisagens contribui para a compreensão crítica do ambiente e das relações sociais e culturais que o compõem.
- Desenvolver atividades de regência de aulas no ensino médio da E.E. Miguel Marvullo, com foco na articulação entre o conteúdo geográfico e a realidade local dos alunos por meio de atividades em sala e trabalhos de campo, incentivando a reflexão sobre sua realidade e as possibilidades de ação no contexto pós-formação escolar.
- Fomentar a construção de uma visão crítica nos alunos, incentivando a análise das condições de vida, das desigualdades sociais e das possibilidades de resistência e transformação presentes em seu contexto geográfico.

3 . PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem metodológica inicial, envolve uma investigação bibliográfica sobre a importância da Geografia, enquanto componente curricular na escola para a compreensão do espaço escolar como um lugar significativo na vida dos estudantes e sua relação com a expectativa de vida, pós formação. Para tanto, utilizamos autores

tais como: Cavalcanti (2008 e 2010), Castellar (2022), Deon e Callai (2018), Batista (2021), Zanatta e Souza (2008), Sobrinho (2018), Copatti (2020), dentre outros autores.

Além disso, fizemos uma análise das modificações do ensino de geografia considerando tanto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como a realidade do Currículo Paulista, em especial com a polêmica Resolução da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) N° 84, de 31 de outubro de 2024, que estabeleceu as diretrizes para a organização curricular do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, diminuindo drasticamente as aulas de geografia da grade curricular dos alunos, removendo-a do terceiro ano do ensino médio em prol de itinerários formativos.

Para tanto, foram desenvolvidas atividades de regência de aulas seguindo a perspectiva didática da pedagogia histórico-crítica proposto por Gasparin (2012), como: prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final, no ensino médio da Escola Estadual Miguel Marvullo em Manduri/SP, com foco na articulação entre o conteúdo geográfico e a realidade local dos alunos, incentivando a reflexão sobre sua realidade e as possibilidades de ação no contexto pós-formação escolar.

Através de uma abordagem que integra investigação bibliográfica, regência de aulas no ensino médio e diálogos com os jovens, buscamos promover a reflexão dos alunos sobre as condições de vida no espaço escolar e urbano, incentivando uma visão crítica sobre o ambiente em que vivem, suas oportunidades e desafios, além de contribuir para a construção de uma percepção mais consciente sobre o futuro, o bem-estar e a qualidade de vida, sob um viés geográfico no qual possa moldar e transformar o local onde vive e reconhecer tal transformação e consequentemente vivenciar a realidade.

Essa pesquisa desenvolveu uma compreensão da importância do estudo da Geografia para os estudantes, buscando orientação sob o ponto de vista da realidade em que vivem, desenvolvendo pesquisa e estudos dos conteúdos em sala de aula.

4 . FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1. A GEOGRAFIA E A VIDA ESCOLAR:

Através da geografia escolar, buscamos compreender os processos que podem ser importantes para o desenvolvimento e aptidões dos jovens, durante a permanência na escola e em sua vida cotidiana, reconhecendo a importância de compreender o lugar em que estão inseridos, no qual possam observar as modificações e transformações decorrentes da vivência em sociedade, bem como entender como o Novo Ensino Médio Paulista tem impactado suas formações no que tange o conhecimento geográfico.

Escolhemos a Escola Estadual Miguel Marvullo, situada em Manduri/SP, como objeto de nosso estudo. Esta instituição é a única escola estadual do município que oferece o ensino médio completo, tornando-se, assim, um importante ponto de encontro para os jovens da região. A escola conta com aproximadamente 600 alunos, incluindo três turmas do terceiro ano do ensino médio, cujos estudantes trazem consigo sonhos e aspirações.

O estudo da Geografia reveste-se de grande importância para esses jovens, pois proporciona uma compreensão mais profunda das transformações que ocorrem ao seu redor e no mundo contemporâneo, pois estudamos Geografia como uma ciência importante na vida cotidiano dos alunos, tivemos a oportunidade de compartilhar experiências e explorar conteúdos geográficos relevantes para o terceiro ano. No entanto, é preocupante que a Geografia possa ser removida ou diminua as aulas da grade curricular desta etapa do ensino médio. Essa decisão pode impactar negativamente a formação integral dos alunos, limitando sua capacidade de análise crítica e compreensão do contexto social e ambiental em que estão inseridos.

A proposta foi desenvolvida através da pesquisa do estudo do lugar e das paisagens contribuindo assim para que os alunos compreendam as condições em que vivem, desenvolvam uma visão crítica sobre sua realidade e identifiquem as oportunidades e desafios que surgem no contexto pós-formação escolar.

Essa abordagem se alinha ao pressuposto de que o ensino de Geografia não deve se restringir apenas à formação acadêmica dos alunos, mas também ao seu desenvolvimento pessoal e social, contribuindo para a construção de cidadãos mais conscientes, críticos e engajados com a realidade em que estão inseridos.

Através da Geografia podemos compreender o mundo em que vivemos e

entender suas transformações. Os estudantes estão inseridos em uma sociedade com diversos vícios, sendo assim cabe a Geografia Escolar mostrar os processos da relação do indivíduo com o Lugar onde convivem diariamente. Cavalcanti (2013), critica a visão utilitarista e técnica do ensino de Geografia, propondo um ensino que favoreça a compreensão crítica da realidade, enfatizando que o ensino de Geografia deve contribuir para que o aluno compreenda o mundo em que vive, suas contradições, conflitos e desigualdades.

A Geografia Escolar pode contribuir para olhar dos jovens e entender os processos das transformações do espaço vivido, enquanto estudantes no presente e o que esperar de um futuro sem a escola, Cavalcanti (2013), afirma que os conteúdos não devem ser vistos apenas como informações a serem memorizadas, mas como instrumentos para compreender a realidade em que vivem, ressaltando que os conteúdos devem ser organizados a partir de categorias fundamentais da ciência geográfica: espaço, território, paisagem, lugar, região e escala. Cavalcanti (2013) destaca a importância de contextualizar os conteúdos no cotidiano dos estudantes, favorecendo a leitura crítica do mundo em que vivem.

A Geografia na escola contribuiu acompanhando de perto o lugar em que vivem, buscando processos de um ensino participante no qual podemos dialogar com os estudantes e sociedade, para entender as mudanças e gerando participação entre eles diretamente no lugar em que vivem.

Foi preciso adaptar o conhecimento científico e o conhecimento escolar sem interferir nos saberes da ciência geográfica para aplicações em sala de aula, o material digital, a apostila, o livro didático, os currículos oficiais e os projetos pedagógicos são mediadores importantes dessa organização, mas que o professor deve exercer um papel ativo e crítico nesse processo, interagindo com a realidade e transformações recorrentes ao lugar onde vivem.

A autonomia dentro de sala de aula seria importante nesse processo, porém não é o que acontece nos últimos anos, sendo que as aulas praticamente já vem elaboradas, tendo que seguir um cronograma pedagógico, que muitas vezes os torna conteúdos repetitivo, com matérias digitais contendo alguns erros, sendo acompanhados de perto pela diretoria de ensino com o objetivo de cumprir o cronograma no tempo certo, às vezes compromete a qualidade das aulas e prejudica a realização dela, tendo que cumprir e concluir todas as aulas propostas, batendo assim sua meta como se fosse uma empresa.

O mais coerente seria a organização do conhecimento que deve estar ancorada em uma perspectiva crítica e reflexiva da Geografia, voltada para a compreensão da realidade. Cavalcanti (2013) discute a articulação entre o conhecimento científico e o conhecimento escolar, mostrando que é preciso adaptar, sem desconfigurar, os saberes da ciência geográfica para o contexto da sala de aula.

A geografia quando ensinada de forma crítica contribui para a formação do cidadão mais consciente de sua inserção na sociedade, o ensino geográfico pode contribuir para o aluno a entender o mundo, identificando as desigualdades e propor mudanças, a cidadania é vista como um processo importante tanto ativo como político, e não apenas como direitos e deveres. A função social da geografia na escola é importante para adquirir uma ampla visão da sociedade e buscar orientação através de sua característica dentro do lugar, já inserido no espaço onde ocorrem transformações.

Os jovens são muitas vezes despreparados para o que virá a seguir da escola, quando ele não mais será aluno, sendo assim a preparação e orientação nesse processo de entender o lugar geográfico ajudaria no processo de compreensão de onde vivem e de como viver, buscando nas aulas de geografia escolar uma orientação nesse sentido. Cavalcanti (2013) defende se comprometer com a dimensão ética do seu saber, reconhecendo que sua atuação pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa.

O conceito de lugar na Geografia é essencial para a construção de conhecimentos significativos na prática pedagógica escolar, especialmente quando se considera o aluno como sujeito ativo em seu processo formativo e cidadão inserido em um espaço vivido. Sobrinho (2018) afirma que o espaço da experiência cotidiana, é o elo entre o aluno e o mundo. Trabalhar o lugar na escola significa respeitar o ponto de partida do aluno e potencializar a construção do conhecimento a partir da realidade que ele conhece e vivência.

Os jovens passam um longo período na escola, sua vivência pode transmitir afetos e desafetos, há interações entre eles, seja em sala de aula ou nos intervalos, e essas interações vão de encontro com o lugar em que estão inseridos. Partindo desse pressuposto podemos analisar que a relação dos jovens com a escola tem grandes desafios, o que torna o papel da Geografia um aliado para compreender o lugar que estão e suas relações com esse espaço.

O lugar não é visto apenas como localização ou espaço físico. (Sobrinho 2013),

relata que o lugar é uma categoria geográfica e pedagógica que envolve identidade, pertencimento e significação. É a partir da vivência no lugar que o aluno forma sua percepção de mundo, e é pela mediação da Geografia que ele é levado a ampliar essa percepção para outras escalas.

Entender os processos de transformações na vida escolar gera reflexões em meio ao processo do tempo vivido entre os jovens, alertando sobre a insegurança do que virá pela frente, a perspectiva dos alunos perante a oportunidades gera preocupações.

A escuta ativa dos alunos é um componente essencial para a construção de um ambiente educacional democrático e crítico. Quando o professor se dispõe a ouvir seus alunos, ele não apenas reconhece a individualidade de cada estudante, mas também cria um espaço de diálogo e troca, fundamental para o processo de aprendizagem. (Gasparin 2012) Ouvir os alunos possibilita ao professor tornar-se um companheiro gerando confiança e melhorando a relação entre professor e aluno.

Quando o educador ouve seus alunos, ele possibilita que esses reflitam sobre sua realidade, contextualizem os conteúdos e, mais importante, se tornem críticos da sociedade e do espaço em que vivem. Nesse sentido, a escuta não é um simples ato de ouvir, mas uma prática pedagógica que contribui para a formação de sujeitos conscientes e capazes de transformar a realidade. Ao se sentir ouvido e respeitado, o aluno se engaja de forma mais significativa no processo de ensino-aprendizagem, tornando-se um agente ativo na construção do conhecimento.

A linguagem utilizada pelo professor em sala de aula é um dos principais elementos que influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem. No contexto da Geografia, onde muitos conceitos envolvem relações espaciais, escalas, dinâmicas sociais e ambientais, a clareza na comunicação é essencial para garantir que os estudantes compreendam os conteúdos propostos. Quando o professor utiliza uma linguagem acessível, objetiva e adequada à faixa etária e ao contexto sociocultural dos alunos, ele contribui para uma aprendizagem mais significativa e efetiva. (Gasparin 2012) descreve que para que a ação pedagógica do professor seja mais efetiva é preciso que tenha clareza.

A clareza na linguagem não se limita apenas à escolha de palavras simples, mas envolve também a capacidade de organizar ideias de forma lógica, apresentar exemplos do cotidiano e estabelecer conexões entre os saberes escolares e as vivências dos estudantes. Um discurso didático bem estruturado favorece o

engajamento da turma, reduz dúvidas e evita interpretações equivocadas sobre os temas abordados. Além disso, fortalece a relação entre professor e aluno, pois transmite segurança, respeito e atenção às necessidades da turma.

4.2. A CIDADANIA CRÍTICA NO OLHAR DOS JOVENS

A cidadania no Brasil é uma construção sem fim, que necessita de uma abordagem mais crítica e contextualizada para ser compreendida e exercida de fato, (Deon e Callail, 2018) relata que a cidadania no país é tratada por contradições, sendo muitas vezes abordado em uma perspectiva legalista e formal. Elas destacam que apesar de haver avanços legais, continua a ter desigualdades sociais, problemas econômicos e culturais, que impedem parte da população a exercer o direito à cidadania.

Uma educação escolar comprometida com a formação cidadã deve promover a autonomia, a criticidade e a responsabilidade social dos estudantes, explorando o papel da escola na formação de cidadãos participativos e críticos, Deon e Hele e Callai (2018) enfatizam a importância de práticas pedagógicas que fomentem a reflexão crítica, o diálogo e a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento, ao abordar as relações entre sociedade e espaço, oferece ferramentas importantes para a compreensão crítica da realidade. Conceitos como território, lugar, paisagem e escala são destacados como fundamentais para que os estudantes compreendam as dinâmicas socioespaciais e desenvolvam uma consciência cidadã.

O ensino da geografia quando orientado pode contribuir para a formação dos estudantes, trabalhando conceitos como território, lugar, espaço, paisagem e região. Os estudantes conseguiram aproveitar as aulas de geografia, para entender as relações de poder que moldam o espaço geográfico, sua ampla dinâmica os torna uma ciência importante de compreensão que permite reconhecer e questionar as desigualdades e participar de uma construção coletiva dentro da sociedade buscando meios de torná-la mais justa.

Através da concepção do espaço e sua organização, possibilitamos aos estudantes desenvolver um potencial formativo no ambiente escolar, quando praticasse ensinamentos críticos possibilita para os estudantes uma leitura mais consciente da sua realidade, compreendendo as transformações políticas, econômicas, ambientais e o lugar onde vivem. Segundo Silva (2020), o ensino de Geografia deve

ultrapassar a simples transmissão de conteúdos cartográficos e conceituais, pois o espaço vivido pelos alunos deve ser ponto de partida para uma reflexão crítica, capaz de mobilizá-los para o exercício da cidadania ativa. Nessa perspectiva, a Geografia escolar torna-se um instrumento de empoderamento, pois permite aos estudantes compreenderem as contradições e desigualdades do espaço urbano e, a partir disso, lutarem por seus direitos, “A Geografia, ao tratar da produção e da organização do espaço, deve contribuir para a compreensão dos processos que geram desigualdade e exclusão social nas cidades (SILVA, 2020)”.

A Geografia crítica deve dialogar com o cotidiano dos alunos, valorizando suas experiências e relações espaciais a partir disso o espaço escolar pode se tornar um local de resistência e de luta pelo direito à cidade onde há desigualdades, exclusão e segregação que são as mais visíveis.

A compreensão do espaço urbano a partir das vivências juvenis é central na proposta de Cavalcanti (2013), que analisa como os estudantes se relacionam com a cidade em sua vida cotidiana. No artigo *"Jovens escolares e a cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas"*, a autora defende que a cidade não deve ser ensinada apenas como um objeto geográfico distante, mas como um lugar vivido, percebido, sentido e praticado pelos alunos em suas rotinas.

Os deslocamentos diários, usos de espaços públicos, as relações com a cidade, escola e a mobilidade urbana, constrói um saber geográfico importante para a formação crítica e torna resistência para o cotidiano deles, intercalando com os conceitos da Geografia Escolar, cabe a importância da participação em aulas de Geografia que ambos conciliando cientificamente a teoria com a prática os torna mais próximo da sua realidade.

Os Jovens ficam interessados e mais participativos em sala de aula quando o assunto é voltado para sua realidade mostrando temas mais próximo deles, que são diretamente afetados e não indiretamente e esse processo importante da Geografia Escolar o torna importante para a formação de cidadãos críticos que veem a realidade através do lugar em que vivem, esses diversos conceitos da Geografia são importantes e visto em sala de aula, e esse processo pode ser aprofundado pelo professor para que os estudantes possam participar das aulas, buscando maior interação e participação, contando suas experiências vividas e com diálogos interativos sempre buscando informações da realidade do lugar em que vivem.

4.3. A CIDADE VIVIDA PELOS JOVENS

Reconhecer os jovens como protagonistas urbanos e integrá-los como sujeitos produtores de conhecimento geográfico é uma tarefa fundamental para um ensino de Geografia que seja realmente significativo, transformador e alinhado aos desafios da educação para moldar a junção dos jovens como participantes diretos no processo de transformações da cidade.

Cavalcanti (2013) propõe que o ensino de Geografia assuma uma perspectiva formativa e cidadã, que valorize o olhar dos jovens sobre seu entorno, os faça refletir sobre sua inserção nos processos urbanos e estimule o reconhecimento de seus direitos. Isso significa entender que o conhecimento geográfico escolar não deve apenas transmitir conteúdos, mas ajudar os alunos a perceberem o espaço urbano como lugar de pertencimento e de atuação política.

A cidade é cercada por desafios, e os jovens vivem esse processo pois estão inseridos na cidade esses desafios da relação dos jovens com o espaço em que vivem são muitos, pois vai desde a busca por oportunidades relacionadas à cultura, esportes, educação e primeiro emprego, como também assuntos de viés negativo como, violência, falta de oportunidade, drogas e entre outros.

A Geografia da cidade é dinâmica da Geografia Escolar podem colaborar no processo de entender a cidade mostrando suas interações positivas e negativas e de certa forma relatando as consequências de cada uma delas.

Cavalcanti (2013) enfatiza que é necessário romper com essa visão tecnicista e reificada da cidade no ensino escolar, propondo que os saberes construídos no cotidiano dos alunos sejam integrados às discussões geográficas em sala de aula. Em outras palavras, o espaço vivido deve se tornar ponto de partida para o processo de escolarização dos conteúdos geográficos.

A cidade tem um papel fundamental na vida dos jovens, pois é o espaço onde se formam vínculos, se constroem identidades e se experimentam formas de convivência social. Para além de um lugar de moradia e trabalho, a cidade deve ser também um território de vivência, expressão e lazer. No entanto, observa-se uma crescente dificuldade de acesso dos jovens aos espaços públicos de lazer, sobretudo em áreas urbanas marcadas pela desigualdade social e pela lógica mercantil do uso do solo. (Santos, 2002) questiona o direito aos espaços públicos que muitas vezes foram privatizados, tornando o lazer da cidade inexistente ou pago.

A Geografia, ao analisar os usos e as disputas pelo espaço urbano, desempenha um papel importante ao evidenciar como a organização da cidade interfere nas oportunidades de lazer e sociabilidade dos jovens. Ao refletir sobre essas questões, é possível contribuir para políticas públicas mais sensíveis às necessidades da juventude e à função social dos espaços urbanos. O papel da Geografia escolar é mostrar a importância da relação entre jovens e cidade onde vivem, buscando identificar os problemas e soluções em sua volta. (Santos, 2002) descreve em sua obra sobre o direito ao entorno, que até está presente em livros, mas ainda está muito longe da sua implementação.

A cidade, enquanto produto histórico-geográfico, reflete as múltiplas camadas de ação humana acumuladas ao longo do tempo, e é nesse espaço que jovens e escolas se encontram de forma privilegiada. Para os estudantes, a cidade é tanto palco de suas experiências cotidianas quanto território de aprendizagem, Silva e Campos (2021) descrevem a cidade como produto histórico e geográfico fruto de ações humanas.

Quando a escola incorpora essa dimensão ativa dos jovens levando-os a investigar trajetórias familiares, mapear pontos de encontro ou registrar memórias orais de moradores reconstrói o ambiente urbano como objeto de estudo e como extensão da sala de aula.

4.4. A GEOGRAFIA CRÍTICA NA CONSTRUÇÃO DE SUA RESISTÊNCIA

O pensamento geográfico na construção da resistência dos jovens na escola perante as transformações da sociedade em que eles estão inseridos. Talvez muitos não dão atenção à Geografia Crítica na escola, mas ao observarmos o pensamento crítico dos jovens podemos aproveitar os conhecimentos da Geografia crítica e transformar em oportunidades para buscar um interesse e melhorar o conhecimento no espaço em que os jovens estão inseridos diretamente e indiretamente

Durante minha prática profissional como professor de Geografia no ensino médio, mostro para os jovens a importância da Geografia em suas vidas, proporcionando encontros que mostram a realidade e suas transformações. Busco entre os jovens curiosidades para eles com perguntas e respostas para uma eventual crítica construtiva, da sociedade e lugar que estão inseridos.

Segundo (Kaercher 2014) durante a sua prática docente sempre buscou

caminhos para ser um bom professor em sua prática educacional. Ao longo da trajetória pedagógica procuro construir em meio às dificuldades burocráticas uma Geografia crítica para cada jovem entender os processos de sua relação indivíduo sociedade e escola.

Parece necessário em meio aos processos burocráticos e diminuição das aulas de Geografia, procurar adaptações mesmo com aulas reduzidas, pois a Geografia é importante para a vida dos estudantes, e faz necessário, Kaercher (2014) relata que a escola pode ser uma barreira para uma mudança e às vezes sendo simplificada em alguns processos.

Uma das características fundamentais da Geografia Crítica é justamente sua capacidade de resistência. Essa resistência não se limita apenas ao confronto com a abordagem tradicional do ensino geográfico, mas também se refere a um questionamento contínuo sobre as estruturas de poder que organizam o espaço.

A resistência da Geografia Crítica também está intimamente ligada à sua capacidade de articular teoria e prática. Ela não se limita a um discurso acadêmico ou a uma leitura isolada do espaço, mas propõe que a Geografia seja aplicada no cotidiano dos alunos, levando-os a perceber como as questões de território, de desigualdade e de exploração econômica se manifestam em suas próprias realidades.

Kaercher (2014), através de seu estudo apresentado centraliza a Geografia Crítica a Geografia Escolar, criticando a Geografia tradicional, como ele mesmo chamou de “dogmatismo crítico”. A Geografia Escolar deixa de ser um conjunto de definições prontas e se transforma em um espaço de construção coletiva de conhecimento, alinhado aos preceitos da Geografia Crítica e capaz de formar cidadãos mais conscientes e atuantes.

No ensino escolar de Geografia, uma das necessidades centrais é promover o desenvolvimento do pensamento espacial nos estudantes, de modo que eles sejam capazes de perceber, compreender e interagir criticamente com o espaço habitado, (Copatti 2019) relata a necessidade dos estudantes, de compreender e desenvolver um pensamento espacial com o espaço habitado.

O pensamento espacial deve ser conectado às vivências dos estudantes: ao analisar trajetórias diárias entre casa e escola, ao comparar diferentes padrões de ocupação urbana ou ao investigar os impactos de uma obra pública na sua comunidade, o aluno aprende a ver o espaço como produto histórico e social. Essa apropriação crítica torna-se um alicerce para a formação de cidadãos capazes de

intervir de forma consciente em seu entorno, pois compreendem que as modificações no espaço resultam de decisões coletivas e políticas.

4.5. A CULTURA DOS JOVENS E SUA REALIDADE

A identidade e cultura dos jovens são importantes para entender o mundo em que vivem, sua convivência com a escola e cidade, trazem um pressuposto significativo para a sua vida, (Santos 2002) diz que a cultura é uma forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o mundo. A construção da identidade cultural dos jovens na escola não se dá apenas pela transmissão de conteúdos, mas pelo reconhecimento e valorização de suas vivências, tradições e formas de expressão.

A interação entre a cultura juvenil e o currículo formal estimula a reflexão crítica sobre as raízes históricas e sociais das identidades. Ao relacionar, por exemplo, manifestações culturais urbanas (graffiti, batalhas de rima, grafismos nas redes sociais) com conteúdos geográficos de território e urbanização, o professor possibilita que os alunos compreendam as dinâmicas de poder que moldam o espaço vivido.

No âmbito escolar, reconhecer essa riqueza sociocultural da juventude é essencial para um ensino mais sensível e engajador. Quando o professor convida os alunos a refletirem sobre suas práticas culturais, como as festas de bairro, as manifestações artísticas locais, as narrativas orais de suas famílias e as linguagens próprias das redes sociais ele está validando não apenas suas experiências, mas também os laços comunitários que moldam seu modo de ver o mundo.

Essa valorização das referências juvenis reforça o sentimento de pertencimento e mostra que a Geografia se constroi a partir das histórias de vida, dos saberes populares e das dinâmicas de resistência cultural. (Cobatti 2019) fala sobre como a forma de agir no espaço sociocultural, possibilita também aos jovens conhecerem o espaço. A Geografia escolar amplia o repertório conceitual dos alunos e estimula um olhar crítico sobre as relações de poder que atravessam o espaço, sendo levado em consideração a diversidade cultural de cada indivíduo.

Sobre a presença da cultura no material didático na escola, torna-se importante para os jovens, os conteúdos devem estar de acordo com sua realidade, mostrando a diversidade cultural e os aspectos culturais importantes na sociedade. (Silva e Campos, 2021) fala sobre a importância da cultura escolar nos livros didáticos para a

construção do saber. Os jovens se interessam por cultura e não podemos deixar de compartilhar temas e aulas que vão ao encontro das diversas culturas que temos no nosso espaço.

4.6. AS REFORMAS E RETROCESSOS DO NOVO ENSINO MÉDIO PAULISTA

Com as mudanças do ensino médio em 2017 no Governo Michel Temer, estabeleceu-se uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022), definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) promulgada em 2018.

Para os estudantes, o Novo Ensino Médio (NEM) abriu a possibilidade de escolhas pelos itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. Os itinerários formativos são o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, que os estudantes poderão escolher no ensino médio. No caso da geografia, os itinerários abordados para o componente integram o quadro de ciências humanas e sociais aplicadas, juntamente com história, filosofia e sociologia.

Em 2018, com a promulgação da BNCC, definiu-se que os itinerários formativos deveriam ser abordados em três eixos, compostos por: projeto de vida, disciplinas eletivas e trilhas de aprofundamento, de acordo com o documento os itinerários formativos:

[...] deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino (...) Assim, os currículos e as propostas pedagógicas devem garantir as aprendizagens essenciais definidas na BNCC. Essas aprendizagens expressam as finalidades do Ensino Médio e as demandas de qualidade dessa formação na contemporaneidade, bem como as expectativas presentes e futuras das juventudes. (BNCC, 2018 p.468)

Desta forma, a partir da BNCC, cada estado e municípios deveriam providenciar os seus currículos adequando-se às mudanças do NEM. No caso do Estado de São Paulo, a primeira versão do Currículo Paulista foi publicada em julho de 2019 no Governo João Dória. O documento compartilha a mesma estrutura da BNCC, possuindo um rol de habilidades essenciais para cada ano/série de maneira interdisciplinar para a área de ciências humanas, que une a geografia com: história,

sociologia e filosofia para o ensino médio. Em cada habilidade interdisciplinar, o objeto de conhecimento é abordado no ramo de cada componente curricular.

Juntamente com o Currículo, a proposta do Novo Ensino Médio Paulista veio com uma organização curricular de 3.150 horas, sendo: 1800 horas para formação geral básica e 1350 horas de itinerários formativos para os três anos. Os itinerários formativos do NEM Paulista, vieram estruturados pelo aprofundamento curricular juntamente com projeto de vida, eletivas e tecnologia e inovação, componentes estes criados pelo programa Inova SP.

Em 2023, o NEM Paulista foi reformulado no Governo Tarcísio de Freitas e em outubro de 2024, foi publicada a Resolução SEDUC N° 84/2024, que estabeleceu as diretrizes para a organização curricular do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, diminuindo drasticamente as aulas de geografia da grade curricular dos alunos, removendo-a do terceiro ano do ensino médio.

A Reforma do Ensino Médio, instituída pela Lei nº 13.415/2017, representou mudanças significativas na estrutura do Ensino Médio brasileiro nas últimas décadas, uma das principais mudanças trazidas pela reforma foi a ampliação da carga horária mínima anual, que passou de 800 para 1.000 horas, com previsão de expansão progressiva até atingir 1.400 horas em tempo integral, mas a reforma também gerou críticas por sua implementação apressada, falta de infraestrutura adequada e ausência de escuta ativa de professores, estudantes e especialistas. Porém, após diversas críticas de educadores, estudantes e especialistas, o Ministério da Educação (MEC) anunciou em 2024 a atualização da Reforma do Ensino Médio. A nova proposta, com início previsto para 2025, não revoga completamente a reforma anterior, mas realiza ajustes importantes, (Silva, 2024) fala que é inegável que o ensino médio tenha sido alvo de vários debates ao longo desse processo.

Alguns itinerários informativos ocupou lugar por exemplo de componentes curriculares importantes no ensino médio como, Geografia, História, Filosofia, entre outras, trouxeram uma visão preocupante de alguns jovens e professores, foram tempos de reflexão e crítica. Posso dizer que através da minha experiência em sala de aula, é um tema importante e poderia ter sido debatido com mais ênfase procurando buscar opiniões dos professores e estudantes, Silva (2024) faz uma análise dizendo que modo geral, é um documento prescritivo, que pouco reflete sobre a qualidade da educação e as causas do abandono escolar, além de contar com investimentos insuficientes para atender às reais necessidades das escolas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os alunos do segundo e terceiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Miguel Marvullo, localizada em Manduri-SP, participaram de uma sequência didática durante uma aula de Geografia, cujo tema foi "A Geografia Escolar como Ferramenta para a Compreensão do Lugar".

O estudo buscou analisar a relação entre espaço, perspectivas de vida, educação e resistência. De acordo com o plano de aula, foram propostas atividades impressas com oito questões, as quais foram distribuídas aos alunos. A seguir, vemos a apresentação do plano didático, utilizando a proposta metodológica da Pedagogia Histórico-Crítica, proposta por Gasparin (2012).

5.1. PLANO DE AULA ADAPTADO À PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

O plano de aula teve como proposta central utilizar a Geografia Escolar como ferramenta para que os estudantes do Ensino Médio compreendam criticamente o lugar em que vivem e suas relações com as perspectivas de vida, educação e resistência. A partir da pedagogia histórico-crítica, buscou-se articular a prática social dos alunos com a reflexão teórica e a transformação da realidade, estimulando o pensamento crítico e a valorização das experiências vividas no espaço urbano e escolar.

A proposta se desenvolveu em cinco etapas: prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final promovendo uma investigação ativa sobre os vínculos entre o território, a cultura e o projeto de vida dos jovens. Combinando pesquisa impressa e debate dialogado, os alunos foram convidados a reconhecer-se como sujeitos históricos, capazes de intervir no mundo e construir alternativas para o futuro a partir da leitura crítica do espaço

Tema: *A Geografia Escolar como Ferramenta para a Compreensão do Lugar: Uma Análise da Relação entre Espaço, Perspectivas de Vida, Educação e Resistência*

Público-alvo: Ensino Médio (2º e 3º ano)

Duração: 2 aulas de 50 minutos cada

Etapas da Pedagogia Histórico-Crítica

1. Prática Social Inicial (10 min – Início da Aula 1)

Objetivo: Identificar o ponto de partida da realidade concreta dos alunos. A aula começou com uma abertura através de perguntas disparadoras, com o objetivo de conectar os alunos à sua realidade imediata:

- "Como você percebe o seu bairro?"
- "Você sente que o espaço onde vive influencia sua visão de futuro?"
- "De que forma sua vivência urbana se conecta com a escola?"

O professor promoveu um diálogo coletivo, estimulando os alunos a compartilharem suas experiências cotidianas no espaço urbano e escolar, com ênfase nas suas percepções e sentimentos em relação ao lugar onde vivem.

2. Problematização (10 min – Ainda na Aula 1)

Objetivo: Levantar contradições e conflitos da realidade dos alunos. A problemática central é introduzida por meio de uma apresentação de conceitos chave, como *espaço geográfico*, *apropriação*, *resistência* e *lugar vivido*.

Foram exibidas imagens e situações que evidenciaram desigualdades territoriais, resistência cultural e as complexas relações entre espaço e o projeto de vida dos alunos. O objetivo foi provocar uma reflexão crítica sobre as condições de vida na cidade e o impacto que o espaço pode ter nas perspectivas futuras.

3. Instrumentalização (30 min – Continuação da Aula 1)

Objetivo: Estudo sistematizado dos conceitos e construção teórica. Nessa etapa, os alunos receberam um questionário impresso, com perguntas que os estimulam a refletir sobre o espaço vivido, suas perspectivas de futuro e a importância da escola como um espaço de formação e resistência.

As questões foram elaboradas para fomentar uma análise crítica e aprofundada da realidade local, com base nos conceitos trabalhados anteriormente. Essa atividade buscou fortalecer a compreensão teórica dos alunos, permitindo que eles conectem as ideias discutidas com a sua vivência cotidiana.

4. Catarse (Aula 2 – 50 min)

Objetivo: Superação parcial da compreensão ingênua da realidade por meio do debate coletivo.

A segunda aula foi dedicada ao debate, mediado pelo professor, no qual os alunos compartilharam as respostas e percepções obtidas com o questionário. O debate teve como foco a reflexão sobre as questões levantadas nas atividades anteriores.

O professor conectou as falas dos alunos com os conceitos geográficos discutidos e as habilidades previstas na BNCC, como:

- **EF09GE19¹** - Analisar as relações entre o local e o global e discutir a pluralidade de sujeitos em diferentes lugares.
- **EM13CHS502²**: Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
- **EM13LP16³**: Utilizar programas de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.

Esse momento do debate visou possibilitar aos alunos uma compreensão mais profunda da realidade que os cerca, confrontando suas ideias iniciais com novas perspectivas adquiridas durante o processo.

5. Prática Social Final (Últimos 10 min da Aula 2)

Objetivo: Retorno à prática transformada, com nova visão crítica.

Ao final da aula, foi realizada uma coleta coletiva de propostas. Os alunos foram convidados a eleger três iniciativas que possam ser desenvolvidas no futuro, com foco

¹ Habilidade específica do Currículo Paulista. Embora seja atribuída ao 9º ano do Ensino Fundamental, foi aplicada nesta atividade no sentido de revisão de conteúdo.

² No caso das habilidades para o Ensino Médio, a referência é a grande área que o componente curricular geografia se encontra (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas), podendo esta habilidade ser trabalhada em conjunto com: filosofia, sociologia e história.

³ Utilizou-se desta habilidade da Língua Portuguesa, para trabalhar a pesquisa e argumentação junto a perspectiva do pensamento espacial e raciocínio geográfico.

em melhorias no espaço escolar, no bairro ou em suas perspectivas de vida.

Essas propostas deveriam articular o conteúdo trabalhado com ações concretas no espaço vivido, refletindo a capacidade dos alunos de aplicar os conhecimentos adquiridos para promover mudanças no seu cotidiano. Este momento visou fortalecer a ideia de que a educação geográfica pode ser uma ferramenta de transformação social.

5.2. RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO EM SALA DE AULA

A seguir, apresenta-se uma análise/síntese das respostas obtidas, questionário por questionário.

Primeira Questão: "Quais os três espaços da escola que mais influenciam sua forma de aprender?"

Os alunos apontaram a sala de aula, a sala de leitura e a quadra como os espaços mais influentes em seu processo de aprendizagem. Alguns também mencionaram a sala de informática e o pátio. Um exemplo de resposta foi a da aluna (A)⁴, que afirmou: *"A sala de aula, a sala de leitura e o pátio, pois só de descer para tomar um ar, consigo voltar à sala de aula mais concentrada"*.

Segunda Questão: "Como você utiliza o entorno da escola (ruas, praças, comércio) em sua rotina? Dê exemplos."

Os alunos relataram frequentar o lago, o centro da cidade, lojas e sorveterias. Por outro lado, alguns mencionaram que raramente saem de casa. A aluna (B), por exemplo, respondeu: *"Utilizo o lago para caminhar com meus amigos"*.

Terceira Questão: "De que modo a escola integra (ou poderia integrar) as vivências do bairro ao conteúdo da Geografia?"

Nesta questão, os alunos destacaram a importância da Geografia para compreender a cidade, mas também mencionaram a falta de oportunidades, como emprego e lazer. A aluna (C) comentou: *"A Geografia mostra a realidade, a falta de*

⁴ Os nomes dos alunos foram preservados, sendo caracterizados por letras do alfabeto.

emprego e as condições financeiras das pessoas. Ela mostra a situação da cidade".

Quarta Questão: "Você identifica barreiras ou conflitos no uso dos espaços escolares e do entorno?"

Os alunos indicaram que existem restrições no acesso a alguns espaços durante o recreio, como a sala de leitura e a quadra. Outros mencionaram que, em dias de chuva, os alunos são confinados em um único local. A aluna (D) respondeu: *"Sim, muitas áreas não podem ser utilizadas na escola durante o recreio, como a quadra e a sala de leitura".*

Quinta Questão: "Quais manifestações culturais juvenis você consome ou prática? Onde ocorrem?"

Os alunos indicaram que não participam de manifestações culturais, evidenciando a falta de oportunidades e investimentos na cidade. Outros citaram atividades como capoeira e carnaval. A aluna (F), por exemplo, mencionou: *"Capoeira, CRAS e fanfarra".*

Sexta Questão: "Você já participou de alguma ação de resistência cultural (grafite, protesto, mutirão, dança) no seu bairro?"

Os alunos afirmaram não participar de ações desse tipo, destacando a escassez de tais atividades. Alguns poucos alunos relataram que já participaram, ocasionalmente, de eventos como a realização de grafites durante o aniversário da cidade ou em eventos escolares e religiosos.

Sétima Questão: "Quais os três lugares da sua cidade, fora da escola, que você mais frequenta?"

Os lugares mais citados foram a academia, a igreja e o lago. Outros mencionaram lojas, lanchonetes, sorveterias e tabacarias. Em algumas respostas, os alunos indicaram que preferem permanecer em casa. Um exemplo de resposta foi a da aluna (G), que escreveu: *"Lago, porque gosto de andar com minhas amigas; sorveteria e tabacaria, porque vou fumar de vez em quando"*.

Oitava Questão: "O que significa para você 'resistência' no espaço urbano? Dê um exemplo de resistência em sua cidade e explique sua importância."

Para os alunos, a resistência no espaço urbano foi entendida como uma forma de expressão e afirmação da importância dos jovens. Muitos consideraram que não há espaços de resistência na cidade, mas outros mencionaram o Horto Florestal como um local importante. A aluna (H) afirmou: *"É uma forma de mostrar que os jovens têm sua importância. As pessoas pensam que ser jovem é frágil, que somos preguiçosos e não fazemos nada"*. Já outro aluno (I) disse: *"É uma forma de aguentar a vida, que é difícil, em uma cidade com poucas oportunidades para a sociedade"*.

As respostas dos alunos indicam uma falta generalizada de oportunidades para os jovens em Manduri-SP, especialmente no que diz respeito a emprego, atividades culturais e espaços urbanos de lazer. Contudo, a escola é vista como um lugar importante, com destaque para a Geografia, que é considerada uma ferramenta crucial para entender o mundo em que vivem. No entanto, também surgiram críticas relacionadas à estrutura e ao acesso a alguns espaços escolares, como as salas de leitura, especialmente durante os intervalos.

Através dessa pesquisa, é possível concluir que os jovens manifestam uma visão crítica sobre a forma como a sociedade os percebe, bem como sobre as limitações do ambiente escolar e da cidade em termos de oportunidades. Eles reconhecem que a Geografia escolar desempenha um papel fundamental na interpretação de seu entorno e das realidades locais. Os desafios e obstáculos mencionados pelos alunos, como a falta de espaços culturais e oportunidades de emprego, são importantes para a compreensão do mundo em que vivem, e precisam ser considerados no processo educativo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a importância da Geografia Escolar na construção de sentidos para o espaço vivido, especialmente no contexto da Escola Estadual Miguel Marvullo, em Manduri-SP. A pesquisa demonstrou que a Geografia, enquanto componente curricular, pode desempenhar um papel fundamental na formação crítica dos estudantes, auxiliando-os na leitura do mundo que os cerca e no entendimento de seu lugar na sociedade.

As vozes dos alunos revelam uma percepção clara das limitações estruturais e sociais do território em que vivem, como a escassez de oportunidades de trabalho, a ausência de espaços de lazer e cultura, e as dificuldades relacionadas ao próprio ambiente escolar. Ainda assim, identificam a escola como um espaço significativo e, em especial, reconhecem a Geografia como ferramenta essencial para compreender essas realidades.

Nesse sentido, reforça-se a necessidade de uma educação geográfica comprometida com a formação cidadã e com a transformação social. Tal educação deve ser pautada em práticas pedagógicas que valorizem o lugar, a escuta ativa dos estudantes e a problematização das desigualdades socioespaciais. A abordagem de temas locais, articulados aos conhecimentos geográficos mais amplos, demonstrou-se potente na promoção de uma aprendizagem contextualizada, crítica e emancipadora.

Além disso, os resultados da pesquisa apontam para a urgência de se considerar as juventudes em sua diversidade e complexidade, principalmente frente às mudanças impostas pelo Novo Ensino Médio e às diretrizes da BNCC e do Currículo Paulista. A Geografia Escolar, nesse cenário, precisa ser ressignificada como um campo de resistência, capaz de ampliar horizontes e contribuir para a construção de perspectivas de vida mais justas e humanas.

Conclui-se, portanto, que a Geografia, quando ensinada de forma crítica e dialógica, pode não apenas ajudar os jovens a compreenderem o lugar que ocupam no mundo, mas também incentivá-los a transformá-lo. A valorização da realidade local, a escuta dos sujeitos e a articulação entre teoria e prática são caminhos possíveis para uma educação geográfica verdadeiramente comprometida com a cidadania e a justiça social.

A sequência didática teve como objetivo central utilizar a Geografia Escolar para promover uma leitura crítica do lugar vivido pelos estudantes do Ensino Médio.

Baseando-me na pedagogia histórico-crítica, planejei atividades que integrassem a realidade dos alunos. A proposta se desenvolveu em cinco etapas articuladas da prática social inicial à prática social final possibilitando um percurso formativo coerente e engajado.

Como professor, pude perceber o potencial da Geografia como uma ferramenta crítica de educação e resistência, conectando os jovens com a realidade e buscando despertar a esperança, pois ela é, de fato, uma ação transformadora. Através da Geografia, podemos compreender o mundo em que vivemos e, mais do que isso, refletir sobre as possibilidades de transformação. Mesmo em meio às dificuldades, posso afirmar que a educação é a chave para o sucesso e a esperança no futuro dos jovens. Amo minha profissão e me dedico intensamente a ela, pois acredito no poder da educação para mudar vidas e construir um futuro melhor.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de; KUNZ, Sildemar Alves da Silva. Para onde vai o ensino de Geografia no horizonte da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)? **Revista Eletrônica Educação Geográfica em Foco**, ano 5, n. 9, abr. 2021.

BATISTA, Edimar Eder. Geografia escolar, educação geográfica, autonomia docente e questão conceitual: tecendo ligações. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 11, n. 21, p. 05-27, jan./dez. 2021.

BRASIL, Base Nacional Comum Curricular, Brasília, MEC, 2018.

CALLAI, Helena Copetti. Educação geográfica para a formação cidadã. **Revista de Geografia Norte Grande**, Santiago, n. 70, set. 2018.

CASTELLAR, Sonia M. Vanzella; PEREIRA, Marcelo Garrido; PAULA, Igor R. de. O pensamento espacial e raciocínio geográfico: considerações teórico-metodológicas a partir da experiência brasileira. **Revista de Geografia Norte Grande**, Santiago, n. 81, p. 429-456, maio 2022.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: **SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS**, 1., 2010, Belo Horizonte. Nov. 2010.

COPATTI, Carina. Pensamento Pedagógico-Geográfico e o Ensino de Geografia. **Revista Signos Geográficos**, 2, 1–21, 2020

DEON, Alana Rigo; CALLAI, Helena Copetti. A educação escolar e a Geografia como possibilidades de formação para a cidadania. **Contexto & Educação**, Ijuí, v. 33, n. 104, jan./abr. 2018. Editora Unijuí.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2012. (Coleção Educação Contemporânea).

KAERCHER, Nestor André. **Se a Geografia é um pastel de vento, o gato come a Geografia Crítica**. Porto Alegre: Evangraf Ltda, 2014.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Editora da

Universidade de São Paulo, 2007.

SÃO PAULO, **Currículo Paulista** - São Paulo, Secretaria da Educação, 2019

SOBRINHO, Hugo de Carvalho. Geografia escolar e o lugar: a construção de conhecimentos no processo de ensinar/aprender Geografia. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais**, Fortaleza, v. 9, n. 17, p. 1-17, 2018. Universidade Federal do Ceará.

SILVA, Laressa Bentes da. O ensino de Geografia na formação cidadã e a luta pelo direito à cidade. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 11, n. 21, p. 05-23, jan./dez. 2021.

ZANATTA, Beatriz Aparecida; SOUZA, Vanilton Camilo de (orgs.). **Formação de professores: reflexões do atual cenário sobre o ensino da Geografia**. Goiânia: NEPEG, 2008. 180 p.